

# ALÉM DAS OPRESSÕES URBANAS

*RAÇA, CLASSE E GÊNERO COMO REFERÊNCIAS  
PARA PRÁTICAS E IMAGINÁRIOS DE CIDADES*

**CONTEÚDO  
PROGRAMÁTICO**

Realização



Projeto



Apoio

Laudes —  
— Foundation

# ALÉM DAS OPRESSÕES URBANAS: RAÇA, CLASSE E GÊNERO COMO REFERÊNCIAS PARA PRÁTICAS E IMAGINÁRIOS DE CIDADES

**O** objetivo deste ciclo de oficinas, com **oito encontros**, é trocar e produzir conhecimentos sobre violações, formas de mobilizações, propostas e conquistas na região metropolitana fluminense. Elas ocorrerão nos dias **26, 27, 29 e 30 de outubro de 2020** e nos dias **26, 27, 28 e 29 de janeiro de 2021**, sempre das **19h às 21h30**.

As(os) participantes preferenciais são militantes, ativistas e defensoras(es) de direitos humanos engajadas(os) em diferentes frentes de lutas por direitos nas cidades. Os conteúdos abordarão a dinâmica das metrópoles, que aprofundam as desigualdades e conflitos de diferentes naturezas. Com destaque para as transformações do associativismo urbano, atravessadas por relações de classe, raça e gênero (interseccionalidade), para enfrentar a metamorfose do mundo do trabalho e o avanço do neofascismo associado ao neoliberalismo.

As cidades contemporâneas expressam a incapacidade do capitalismo financeirizado e do consumismo de assegurar uma vida boa ao conjunto da humanidade. É sabido que entre o declínio da sociedade medieval e a ascensão da era moderna, se anunciou que “o ar da cidade liberta”. Com a emergência do capitalismo industrial, esse anúncio foi perdendo significado. O ar da cidade ficou denso, carregado de opressão e conflitos entre empregados(as) e proprietários. As cidades tornaram-se o espaço preferencial da produção e circulação das mercadorias, do trabalho assalariado, cujas empresas de diferentes setores da economia dependem para produzir e lucrar; nas cidades também estão os espaços de moradia, onde se estabelecem vínculos sociais, de produção e fruição da cultura e do lazer; as cidades, que acolhe a diversidade, têm o potencial para desenvolvermos os atributos que nos fazem humanos, com nossas capacidades criativas, de solidariedade, empatia e tantas outras. Mas, ao longo do tempo, o conflito de interesses foi ficando mais agudo.

Trabalhadores(as), por exemplo, mobilizados e com mais conhecimento sobre as condições que possibilitam o desenvolvimento do capitalismo, a quem o Estado representa, passaram a exigir melhores condições materiais no espaço de moradia. As lutas e conquistas econômicas avançaram com aquelas por direitos políticos e sociais. Outro caso exemplar de mobilização, são a das mulheres, que trabalhavam nas fábricas e passaram a exigir não só melhores condições de trabalho, mas também o direito ao voto.

Desde então, em poucas partes do mundo, as lutas por direitos, tanto nas fábricas quanto fora delas, se garantiu uma paisagem e uma vida urbana menos inóspita. No Brasil, sempre prevaleceu entre nas elites políticas e econômicas uma visão urbana segregadora, com políticas públicas frágeis, de grande exploração da classe trabalhadora e um ambiente marcado pelo racismo e a violência contra a mulher. Ao atentarmos para a nossa história, identificamos a marca do autoritarismo e do desprezo aos interesses da maioria da população. Essa forma de produzir cidades e de metropolização do espaço urbano assumiram proporções dramáticas. Mesmo o nosso país figurando entre as maiores economias do planeta, a concentração de renda e riqueza brasileira é pavorosa. A resolução do nosso con-

flito distributivo histórico é ignorada. O Estado implementa uma política de morte, sobretudo à população negra e juvenil; as mulheres são vítimas de todo tipo de violência, que é estimulada por agentes estatais e passa a ocupar diferentes dimensões da vida; o trabalho, com tamanha precarização, se assemelha ao trabalho escravo; o racismo estrutural agrava a nossa desigualdade material e simbólica. Toda a diversidade cultural, nossos avanços e conquistas, nos hábitos e costumes, são ameaçados por ideias e valores retrógrados, de total desrespeito à vida e à alteridade que ela traz em si.

Não obstante tantas violações, temos muitas lutas, ações de solidariedade e conquistas. A riqueza das agendas, do ativismo e da militância estão nas cidades e em nossas metrópoles. Enfrentam questões ligadas à vida imediata, ao cotidiano, ao trabalho, e, simultaneamente, pavimentam o caminho para uma sociedade diferente da atual. É desse conjunto de contradições, vitórias e utopias, que pretendemos juntas(os) abordar, refletir e ampliar a nossa disposição e animação para garantir a vida. Portanto, contamos com a sua participação para esta empreitada urgente e necessária que ajudará a fortalecer nossa práxis.

## **1º 26 de outubro, das 19h às 21h30** **A produção das cidades e as marcas da metropolização**

O objetivo deste encontro é debater e apontar os aspectos históricos e contemporâneos da formação e da dinâmica das cidades, sobretudo das metrópoles. Onde o capitalismo financeirizado tem produzido efeitos na vida cotidiana e na forma de acumulação das elites econômicas. O drama metropolitano – segregação socioterritorial, colapso e/ou seletividade das políticas públicas, violências etc.- se agrava no Brasil. A formação social brasileira – escravismo e o patriarcado - sempre nos ajudou a entender uma parte das nossas mazelas. No entanto, o avanço da técnica, com seus dispositivos tecnológicos, e da economia, que se tornam os principais mediadores das relações sociais, mais a associação do neoliberalismo ao neofascismo, aumentam os desafios e as exigências analíticas para as ações que perseguem a valorização dos direitos e da alteridade. Na metrópole fluminense, os efeitos desse modo de produzir cidades são agravados. A violência tem sido um fenômeno presente no cotidiano das favelas e periferias, promovida inclusive por agentes estatais e paraestatais. É também o Estado, colonizado pelos interesses empresariais, que desconstrói as políticas urbanas e garante as condições para que a terra urbana se transforme em ativo para lastrear processos de acumulação dentro do sistema financeiro e o lucro das corporações que atuam nas metrópoles.

- **Responsável por dinamizar o debate:**  
Aercio Barbosa de Oliveira (Educador da FASE e Mestre em filosofia)
- **Coordenação do debate:**  
Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

## **2º 27 de outubro, das 19h às 21h30** **Interseccionalidade**

A reflexão enfoca o instrumento da interseccionalidade como recurso fundamental para compreensão das desigualdades e opressões estruturantes desta forma social – o capitalismo ocidental. Considerando a proposta desse ciclo de formação, refletiremos sobre

as dinâmicas da realidade urbana a partir de distintas perspectivas de compreensão que formam as relações sociais na modernidade periférica ocidental, especificamente no Brasil. Ainda que interseccionalidade se constitua como uma “ferramenta metodológica” importante para desconstrução da naturalização de violações e estigmas cotidianos de raça, classe social e de sexo, consideramos relevante não apenas compreender uma de suas formulações/projeções originárias no âmbito da luta abolicionista penal, mas, especialmente, pensar seu uso político como recurso à compreensão da formação social brasileira e alguns equívocos na sua abordagem. Acreditamos que esse aporte nos auxilia a compreender as construções históricas das desigualdades urbanas e as reatualizações das opressões vivenciadas nas cidades, onde o ódio ao “outro” tornou-se explícito na atualidade. Compreendemos ainda que a interseccionalidade é uma “ferramenta metodológica” importante para construção de outros imaginários de cidade.

- **Responsável por dinamizar o debate:**

Rachel Barros (Educadora da FASE e Doutora em sociologia) e Tatiana Dahmer (Assistente Social e professora da ESS-UFF)

### **3º 29 de outubro, das 19h às 21h30** **A metamorfose do mundo do trabalho**

O objetivo é refletir e debater o que tem ocorrido no mundo do trabalho. No Brasil, é notório, principalmente com a pandemia, o quanto as relações de trabalho têm se transformado e se tornaram precárias. Seguindo uma tendência mundial, os melhores trabalhos são para poucos, enquanto os piores, ficam para a maioria. E ainda assim, para um contingente considerável, não há qualquer trabalho remunerado. Basta verificarmos a paisagem urbana das nossas metrópoles. Ao lado do imenso desalento, ganhou importância a ideologia neoliberal, que serve de justificativa cínica para tanta iniquidade. Com seus dispositivos, difunde o modelo ideal do “sujeito empresa”, do “empreendedor de si” etc. O propósito dessas ideias, com consequências práticas, é o de criar a fantasia de que o sistema oferece a mesma oportunidade para todas as pessoas, porém, o sucesso é só para “os mais aptos”. Com tais justificativas, cresce os trabalhos análogos ao trabalho escravo, o fenômeno da uberização, trabalhos precários realizados dentro da residência de moradia etc. São condições que agravam o ônus, principalmente para as mulheres e para os jovens, predominantemente negras e negros.

- **Responsável por dinamizar o debate:**

Aercio Barbosa de Oliveira (Educador da FASE e Mestre em filosofia)

- **Coordenação do debate:**

Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

### **4º 30 de outubro, das 19h às 21h30** **Gênero**

Objetiva-se apresentar a categoria analítica relações sociais de gênero e fazer as mediações necessárias com a realidade, demonstrando como relações de gênero fundamentam a organização da vida social. Na sociedade capitalista esta tende à hierarquização das mulheres com relação aos homens, tanto que no mercado de trabalho as mulheres

recebem 30% menos que os homens; são minoria nos cargos de chefia, trabalham fora de casa sem renunciar dos afazeres domésticos e enfrentam mais dificuldades para voltar ao mercado de trabalho se tem filhos. Embora o conservadorismo, a misoginia, o patriarcado, a cisheteronormatividade sejam aspectos que historicamente caracterizam nossa sociedade, vivemos um momento de regressão de direitos e de avanço dos setores fundamentalistas, os quais defendem uma perspectiva das relações de gênero biologizante, que compreende os processos sociais como resultados de uma essência natural biológica e imutável. Essa tendência tornou-se mais forte desde as eleições de 2014, que elegeu o congresso nacional mais conservador da história desde 1964. Desde então, aumentou-se a desigualdade entre os gêneros, o desmonte das políticas sociais voltadas para mulheres e a criminalização da população LGBTQI+. Em “nome de Deus e pelo bem da família” objetiva-se salvaguardar o racismo estrutural e a dominação-exploração patriarcal que desconsideram a diversidade dos arranjos familiares característicos da sociedade brasileira - apenas 42,3% dos lares são tradicionais, 20,2% é composto por casais sem filhos, 12,1% só há um morador (Censo, 2010). Assim, a partir da categoria relações sociais de gênero é possível colocar em xeque essa naturalização das desigualdades sociais e propor mudanças.

- **Responsável por dinamizar o debate:**

Ariana Santos (Assistente Social e Doutoranda do Serviço Social/UFRJ)

- **Coordenação do debate:**

Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

### **! Observação**

As oficinas do mês de janeiro de 2021 terão como base o aprofundamento dos conteúdos e experiências apresentadas nas primeiras 4 oficinas, considerando os aportes e discussões realizados entre as/os participantes.

**Certificado de participação:  
haverá certificado de participação  
para quem comparecer, no mínimo,  
em seis oficinas (75% de participação).**

